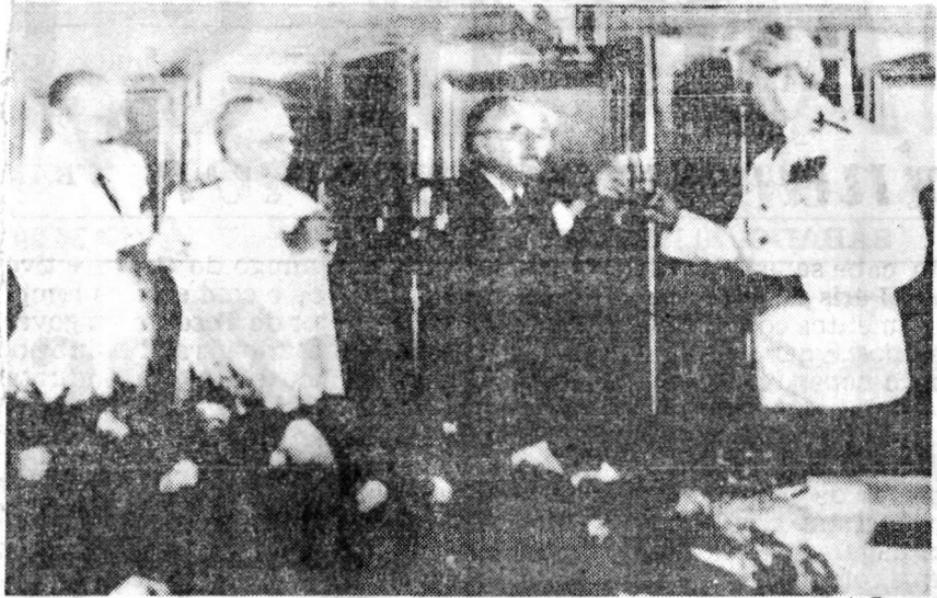


Militares



Sérgio Borges

Sarney brinda militares com defesa de seu papel constitucional

^{JOSE}
Sarney quer militar submetido à política

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O comandante-chefe das Forças Armadas, presidente José Sarney, disse ontem que elas devem ser "integradas, co-responsáveis pelos ideais maiores da democracia, submetidas ao poder político, que é a síntese de todos os poderes porque emana da vontade soberana do povo". A frase foi dita para oficiais-generais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, no tradicional almoço comemorativo de fim de ano.

Sarney recebeu do ministro da Marinha, almirante Henrique Sabóia, porta-voz da opinião dos ministros militares na cerimônia de ontem, a garantia de que em 87, do mesmo modo que neste ano, o presidente "poderá contar com Forças Armadas voltadas, de forma homogênea e integral, para o pleno atendimento de sua destinação constitucional".

Sarney — homenageado pelas Forças Armadas com o tradicional almoço de confraternização de fim de ano — aproveitou seu pronunciamento no Clube de Naval, para elogiar o que chamou de "conduta impecável e exemplar" dos militares "neste instante de transição", ao mesmo tempo que criticou os criadores de falsos conflitos sociais, responsáveis pelo que denominou "doenças da primeira infância".

Para acabar com esse mal, o presidente apresentou a seguinte receita: "Um governo austero, voltado para o bem comum, aberto ao diálogo e crente na criatividade da convivência transparente, buscando restaurar e consolidar a unidade, esfacelada numa confrontação recente entre sociedade e Estado". "As tensões sociais diminuem" — avaliou ainda o presidente. "Os conflitos verdadeiros são enfrentados e os conflitos simulados, artificialmente criados, morrem pela falsidade de suas origens, desprezados pelo próprio povo."

SEM RECESSÃO

Mas não foi só com as dificuldades econômicas e sociais iternas que José Sarney se preocupou em seu relato aos militares. Ele citou o progresso obtido pelo País no campo externo, sobretudo com a integração latino-americana, lamentando, contudo, as pressões que o Brasil rece-

beu dos países desenvolvidos. "Temos de ser fortes, para negociar com firmeza e soberania", disse o presidente ao defender o desenvolvimento econômico: "Crescer, crescer sempre. Nada de regredir. Nada de recessão", reafirmou ele, para concluir que "não se pode, dizia já Tobias Barreto há um século, pedir paciência a quem tem fome. Mas para crescer é preciso mobilizar sacrifícios". Os 133 oficiais-generais presentes ao almoço de confraternização das Forças Armadas com o presidente ouviram ainda de Sarney um enaltecimento à independência do País nos setores da química fina, tecnologia de ponta e informática. "O Brasil não tem a vocação de colônia de qualquer espécie, menos ainda cultural ou científica. Mas a nossa linguagem não pode ser a linguagem obsessiva do protesto e do pessimismo."

Nesse contexto, o presidente defendeu o regime pluralista aberto "que acredite na força criativa da liberdade, da competição, da livre iniciativa, dos valores espirituais", integrando, nesse quadro, as Forças Armadas: "Nenhum Estado pode delas prescindir, diminuí-las ou marginalizá-las. Elas são a segurança necessária para progredir" — disse o presidente, ressaltando, porém, que as Armas devem ser também co-responsáveis pelos ideais maiores da democracia, "submetidas ao poder político, síntese de todos os poderes".

O discurso do presidente José Sarney agradou imensamente aos ministros militares. O titular da Pasta da Marinha, almirante Henrique Sabóia, a quem coube, pelo tradicional rodízio, saudar o presidente, elogiou a determinação em cumprir seu dever e "colocar o interesse público acima de qualquer anseio de popularidade".

Classificando o presidente Sarney de "homem pragmático e realista", o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, elogiou seu discurso — tanto pela forma como pelos conceitos emitidos. O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, observou que o discurso do presidente traduziu o pensamento e os anseios das Forças Armadas. O brigadeiro destacou o desejo dos militares de assegurar as instituições para atingir a plenitude democrática.

"Nada de regredir. Nada de recessão"

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente Sarney no almoço com os militares:

"Este é o segundo ano em que estamos juntos, nesta solenidade bem expressiva da solidariedade e da união de nossas Forças Armadas com o seu comandante supremo.

É uma tradição, mas também uma prova de confiança.

É uma maneira de conscientizar responsabilidades e reafirmar o nosso patriotismo, a nossa fé, a nossa certeza no presente e no futuro do País.

Tivemos um ano de muitos e duros desafios. O Brasil econômico teve de ser revisto. Mudamos o padrão monetário, enfrentamos o financeiro, iniciamos uma luta em favor da estabilidade da economia.

Tudo isso é meio. O fim é o progresso, é o bem-estar, a melhoria de vida. Nosso objetivo nacional é construir um sistema de dignidade humana. Civilizador e não destruidor dos valores maiores da humanidade.

Internamente o Brasil cada vez mais consolidado uma democracia solidária, sujeita ainda, é claro e compreensível, às doenças da primeira infância. Mas um governo austero, voltado para o bem comum, aberto ao diálogo e crente na criatividade da convivência transparente, busca restaurar e consolidar a unidade, esfacelada numa confrontação recente entre sociedade e Estado.

As tensões sociais diminuem. Os conflitos verdadeiros são enfrentados e os conflitos simulados, artificialmente criados, morrem pela falsidade de suas origens, desprezados pelo próprio povo.

No setor externo o País tomou uma dimensão extraordinária. De respeitabilidade, de trabalho, de esforço. Iniciamos uma processo de integração com a América Latina, processo este que marcará a vida do continente nas próximas décadas.

Sofremos grandes pressões. O Brasil, com a dimensão que adquiriu, estabeleceu áreas de atrito e disputa de interesses com países desenvolvidos. Mas a maturidade de nossas relações nos permite enfrentá-los, com racionalidade. Teremos de ser fortes, para negociar com firmeza e soberania. Sabemos que é muito difícil o caminho da libertação econômica.

Sabemos que temos de contar somente com nossos próprios recursos, naturais e humanos. Sabemos que precisamos criar condições internas capazes de nos livrarmos de todas as dependências. Esse caminho é longo.

Mas o difícil já começou.

O Brasil já começou.

Não nos conformamos em manter a continuidade do presente.

Precisamos transformar as nossas debilidades atuais de níveis de renda, de condições de vida precárias para faixas majoritárias da população, em expectativas dignas de padrões iguais àqueles desfrutados por países mais desenvolvidos.

O instrumento de que dispomos é o desenvolvimento econômico.

Crescer, crescer sempre.

Nada de regredir.

Nada de recessão.

O crescimento é a chave para solução de nossos problemas.

O pior inimigo da estabilidade, da paz, da ordem, é a estagnação com todos os seus males, que vão do desemprego à fome.

Não se pode, dizia já Tobias Barreto há um século, pedir paciência a quem tem fome.

Mas para crescer é preciso mobilizar sacrifícios.

Investir na educação, mudar mentalidades.

O mundo deixou de ser aquela previsão da sinistra, condenado à escassez de alimentos, de recursos naturais, de esgotamento.

Hoje há um mundo novo que nesta década está sendo descoberto:

tecnologia que abre perspectivas inesgotáveis de produção, dos novos materiais,

da química fina, da tecnologia de ponta, da informática, um mundo a ser ocupado, não de novas terras, mas de novos campos do conhecimento humano.

Quem aí não desembarcar, não participará do futuro.

O Brasil não tem a vocação de colônia de qualquer espécie, menos ainda cultural ou científica. Mas a nossa linguagem não pode ser a linguagem obsessiva do protesto e do pessimismo.

Temos tudo para vencer.

A nossa mensagem, que é o sentimento do Brasil ao longo da História, é do otimismo responsável e realista.

Nada de sinistrose.

Sabemos que não vamos contar com ninguém mais senão com os nossos recursos humanos, com o homem brasileiro, com a juventude que neste instante está e sai das universidades, das escolas militares, se debruça nos laboratórios e nas inteligências. Esse é um campo de grande competição que não permite sonhar com milagres ou concessões generosas. Temos de ganhar essa guerra com nossa pertinácia, trabalho, suor sem lágrimas.

Na base de todo este projeto está a construção de intuições fortes, de um regime político pluralista, aberto, que acredite na força criativa da liberdade, da competição, da livre iniciativa, dos valores espirituais, sabendo que o homem tem uma missão transcendente como criatura de Deus, ter fé.

Dentro desse arcabouço do Estado de Direito estão as Forças Armadas. Nenhum Estado moderno delas pode prescindir, diminuí-las ou marginalizá-las. Elas são a segurança necessária para progredir. Forças Armadas integradas, co-responsáveis pelos ideais maiores da democracia, submetidas ao poder político, que é a síntese de todos os poderes, porque emana da vontade soberana do povo.

Na História do Brasil, a História de nossas Forças Armadas tem sido uma presença constante de sacrifício, de dedicação, de patriotismo, ao serviço da Pátria.

O adestramento, a modernização, o apoio à melhoria profissional será dado, com determinação, pelo presidente da República, sem esquecer a necessidade de medidas de apoio social aos nossos homens de farda, que, como brasileiros, sofrem todos os efeitos da conjuntura. O presidente tem a visão histórica do que representa para o País um Exército, uma Marinha, uma Aeronáutica modernos, atualizados, prontos para assegurar a soberania do País, manter a sua integridade, a ordem, as instituições democráticas, aptas a cumprir uma missão.

O Natal é a festa da missão, a base da sociedade.

Neste instante de transição a sua conduta tem sido impecável, exemplar, garantindo os avanços sociais e políticos que temos, e nos quais elas participam como parcela da Nação, de maneira solidária.

Neste fim de ano, o agradecimento do presidente da República é uma diretriz que tem que ser a cada dia mais consolidada.

A coesão, a unidade das forças internamente e das forças entre si.

Dessa unidade, na disciplina, na hierarquia, repousa a tranquilidade pública.

Agradeço as palavras generosas do ministro Almirante Henrique Sabóia, como expressão do sentimento magnânimo de todos. Os ministros militares não me têm faltado com o assessoramento, a experiência e o patriotismo, para que eu possa servir ao Brasil.

Sou-lhes grato e reconhecido.

Peço que transmitam às suas respectivas famílias, esposas, filhos e netos os meus votos de Feliz Natal e de um Ano Novo de esperanças, repleto de alegria e venturas.

Um brinde pelo Brasil, por sua prosperidade, pela liberdade e pela democracia. "Pelas Forças Armadas do Brasil."